PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 22/10/2021 a 28/10/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]

[1] **Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).**

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
22/10/2021	12,20	327,40	62,09	7,56	5,38
25/10/2021	12,37	327,20	63,14	7,59	5,38
26/10/2021	12,38	326,90	62,31	7,52	5,43
27/10/2021	12,39	330,90	61,42	7,59	5,57
28/10/2021	12,33	330,90	60,87	7,72	5,62
Média	**12,33**	**328,66**	**61,97**	**7,60**	**5,48**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos **bushel de milho= 25,40 quilos**
Libra peso = 0,45359 quilo **tonelada curta = 907,18 quilos**
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA		
RS – Panambi	**159,00**	
RS – Não Me Toque	**159,00**	
RS – Londrina	**160,00**	
PR – Cascavel	**160,00**	
MT – C.N.Parecis	**158,00**	
MS – Maracaju	**162,00**	
GO - Rio Verde	**157,00**	
BA – L.E.Magalhães	**160,00**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**86,00**	CIF
Porto de Paranaguá	**88,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**S/C**	
RS – Panambi	**83,00**	
SC – Rio do Sul	**87,00**	
PR – Cascavel	**82,00**	
PR – Londrina	**78,00**	
MT – C.N.Parecis	**72,00**	
MS – Maracaju	**75,00**	
SP – Itapetininga	**85,00**	
SP – Campinas	**88,00**	CIF
GO – Rio Verde	**78,00**	
GO – Jataí	**78,00**	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	**83,00**	
RS – Não Me Toque	**83,00**	
PR – Londrina	**88,00**	
PR – Cascavel	**91,00**	

Período: 27/10/2021
S/C=Sem Cotação.
(*) Valor de compra.
(**)Preços em reais/saco.
Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 28/10/2021

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**83,89**	**162,47**	**83,40**

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 28/10/2021

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**72,31**
Feijão (saco 60 Kg)	**251,18**
Sorgo (saco 60 Kg)	**64,50**
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**6,06**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**2,25****
Boi gordo (Kg vivo)*	**9,95**

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias
(**) Ref. Setembro/21 - média cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, nesta última semana de outubro, se mantiveram relativamente estáveis, com leve viés de alta. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (28) em US$ 12,33/bushel, contra US$ 12,24 uma semana antes.

Na linguagem do mercado, pode-se dizer que Chicago está “andando de lado”, sem fatos consistentes que possam alterar este comportamento. Por enquanto, o clima nos EUA, o desenrolar da colheita neste país, o clima na América do Sul e o desenvolvimento do plantio nesta região, e mais o comportamento do mercado financeiro, a partir da possibilidade de alta nos juros estadunidenses, estão na mira do mercado.

Um elemento que pesou bastante nestes últimos dias tem sido o comportamento dos preços dos óleos vegetais, na medida em que os estoques dos mesmos têm se mostrado apertados em grande parte do mundo. Ao mesmo tempo, a demanda tem crescido, particularmente no uso para biocombustíveis. Soma-se a isso a informação de que a safra de palma na Malásia tende a ser a menor dos últimos cinco anos, comprometendo a produção do óleo de palma. O volume de palma a ser colhido neste país pode ficar abaixo de 18 milhões de toneladas, com um recuo de 6% sobre o ano passado e o menor volume desde 2016. Além da baixa produtividade, a escassez de mão de obra na Malásia estaria provocando esta situação, pois grande parte da palma é colhida à mão. Esta escassez de força de trabalho está ligada ao fato de que a maioria ainda não está suficientemente imunizada contra a Covid-19. Com isso, a indústria malaia está perdendo entre 20% a 30% do potencial de produção do corrente ano, com sua receita caindo ao redor de US$ 4,8 bilhões.

No caso específico do óleo de soja, o mesmo está com demanda importante, especialmente na China, onde as cotações futuras na Bolsa de Dalian subiram 30% desde junho. Isto está fazendo com que as margens de esmagamento das indústrias moageiras melhorem, já que pelo farelo a situação continua ruim em função dos baixíssimos preços internos do suíno. Assim, graças ao óleo de soja, na província de Shangdong, uma das maiores no esmagamento de soja da nação asiática, as margens são as melhores desde março. Com a chegada do inverno chinês a demanda por óleo deve crescer em um momento em que os estoques estão baixos. No último dia 15/10 tais estoques estavam em 933.800 toneladas, ou seja, 14,5% a menos do que o registrado no ano anterior na mesma época. Dito isso, não se pode esquecer que o aumento do esmagamento, devido ao óleo, provocará um crescimento importante no estoque de farelo, que está tendo pouca saída. Em média, para cada grão esmagado, a soja gera 18,5% de óleo e 78% de farelo.

Quanto ao óleo de canola, diante de uma safra frustrada no Canadá, maior produtor mundial desta oleaginosa, sua produção igualmente foi baixa, com os preços do produto no mercado canadense subindo aos níveis mais altos dos últimos 13 anos. Diante desta realidade, o Canadá exportou 71% menos de canola entre o 1º de agosto e o final das primeiras sete semanas deste novo ano comercial. Os preços da tonelada de canola já são 70% mais elevados do que um ano antes no mercado futuro da bolsa canadense. Mas os produtores, diante da baixa produção, não conseguem aproveitar estes altos preços, repetindo a situação dos produtores de palma.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Por sua vez, na Índia, um dos maiores importadores mundiais de óleos vegetais, o governo local está impondo limites de estoques de óleos comestíveis, visando garantir o abastecimento local a preços mais baixos. Ao mesmo tempo, o governo indiano vem reduzindo a tarifa de importação dos óleos comestíveis, especialmente dos óleos de palma, soja e girassol. No varejo indiano, em relação há um ano atrás, os preços dos óleos apresentam altas entre 19% e 62% dependendo da matéria-prima. As importações de óleo por parte da Índia somam de 13 a 15 milhões de toneladas, sendo que, deste volume, 55% a 60% correspondem a óleo de palma, derivado este que lidera as altas nos mercado internacionais. (cf. Notícias Agrícolas, citando a Bloomberg, o Successful Farming, The Hindu - Business Line, e Reuters Internacional)

Voltando especificamente ao mercado do grão de soja, a colheita nos EUA, até o dia 24/10, atingia a 73% da área, contra 70% na média histórica para esta data.

Já as exportações estadunidenses de soja, na semana encerrada em 21/10, atingiram a 2,1 milhões de toneladas, elevando o total do atual ano comercial a 8,1 milhões, volume que se apresenta 45% menor do que o registrado um ano antes.

E no Brasil, diante da nova e forte desvalorização do Real, que retornou à casa dos R$ 5,60 a R$ 5,70 em alguns momentos, os preços voltaram a subir um pouco, apesar de Chicago estar estável, e mais baixo do que meses atrás, e apesar do recuo dos prêmios nos portos nacionais.

A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R$ 162,47/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R$ 157,00 e R$ 162,00/saco. No ano passado, nesta época, o preço médio da soja, no balcão gaúcho, era de R$ 156,67/saco. Assim, em termos nominais houve um aumento anual de apenas 3,7%, ou seja, bem abaixo da inflação oficial (IPCA), que está em 10,25% em 12 meses, e muitíssimo abaixo do aumento dos custos de produção entre a safra passada e o atual plantio. Por sua vez, em termos de preço real a perda já é importante. Neste sentido, considerando a evolução do IGP-M, o qual leva em conta em seu cálculo os preços das commodities, para manter o mesmo valor de compra do final de outubro do ano passado, o saco de soja no balcão gaúcho deveria estar valendo hoje R$ 189,49. Ou seja, em termos de preço real da soja, o produtor está perdendo, neste momento, R$ 27,02/saco em comparação a capacidade de compra que o saco de soja possuía um ano atrás.

Dito isso, até o dia 22/10 o plantio da safra de soja 2021/22, no Brasil, estava em 35,8% da área total esperada. Na média histórica o plantio, nesta data, é de 27,3%. No Mato Grosso, o plantio é de 69%, contra a média de 46,6%. No Mato Grosso do Sul, ele chega a 45%, contra a média 34,2% nesta época. No Paraná, a área ocupa 41% do esperado, contra a média histórica de 49%. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram mais na semana, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (28) em US$ 5,62/bushel, contra US$ 5,32 uma semana

antes. O valor deste dia 28/10 não era visto, para o primeiro mês cotado, desde meados de agosto passado.

Houve forte alta do mercado no dia 27/10 em função de um possível aumento na produção de etanol de milho nos EUA, puxado pela alta nos preços internacionais dos óleos vegetais, como vimos na análise do mercado da soja. De fato, a produção semanal de etanol, nos EUA, subiu para 1,106 milhão de barris por dia, sendo este o segundo maior total semanal da história, perdendo somente para o total obtido em dezembro de 2017. Ao mesmo tempo, os estoques de etanol nos EUA recuaram para 19,9 milhões de barris, apesar do aumento na produção.

Em paralelo, a colheita do milho nos EUA chegou a 66% da área total no dia 24/10, contra 53% na média histórica para o período.

Já os embarques de milho por parte dos EUA somaram 545.127 toneladas na semana encerrada em 21/10, ficando abaixo do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial atual o volume alcança 4,7 milhões de toneladas, sendo ele 24% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

No Brasil, os preços do milho recuaram um pouco mais, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R$ 83,89/saco, enquanto nas demais praças nacionais o preço do saco do cereal girou entre R$ 72,00 e R$ 87,00, sendo que o CIF Campinas (SP) caiu para R$ 88,00. Lembramos que há poucos meses este preço estava entre R$ 103,00 e R$ 105,00/saco. Tomando o preço gaúcho como referência, no ano passado, nesta época, o preço médio do saco de milho ao produtor estava em R$ 69,15. Isso significa que nominalmente o preço do cereal, em 12 meses, subiu 21,3%, superando largamente a inflação oficial no período, porém, ainda bem abaixo da elevação do custo de produção entre as duas safras. Já em termos reais, considerando a inflação pelo IGP-M, o preço atual do milho, para manter o mesmo poder de compra de um ano atrás, deveria estar em R$ 83,64/saco. Portanto, o cereal está tendo um pequeno ganho real, de alguns centavos por saco, em seu preço atual em relação ao praticado um ano antes. Mas basicamente o aumento do preço do milho apenas cobriu a inflação medida pelo IGP-M.

Esta situação pode mudar um pouco caso continue havendo desvalorização do Real. Isso deixa o milho nacional competitivo na exportação, podendo levar a um escoamento maior do produto para o exterior. Vale lembrar que um dos elementos da estabilização, e até redução do preço interno, está exatamente no fato de que as exportações foram fortemente reduzidas, visando atender a demanda interna e, com isso, segurar os preços locais.

Na B3, o fechamento do pregão do dia 27/10 apontou o contrato de novembro em R$ 87,79/saco; janeiro a R$ 87,66; março a R$ 87,78; e maio a R$ 85,15/saco.

Por outro lado, o plantio da nova safra de verão de milho chegava a 64% da área esperada até o dia 22/10, contra 60,2% na média histórica. No Rio Grande do Sul, o mesmo atingia a quase 95%, em Santa Catarina a 87%, no Paraná 92%, em São Paulo 46,5%, no Mato Grosso do Sul 22%; em Goiás/DF 23%; em Minas Gerais 17% e no Mato Grosso 19%. No total, espera-se uma área final de 4,4 milhões de hectares de milho na safra de verão em todo o país. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no Paraná a expectativa é de uma safra de verão em torno de 4,1 milhões de toneladas de milho. No Rio Grande do Sul, onde a safra está semeada em 70% da área esperada até o dia 21/10, o volume final da mesma pode atingir cerca de 6,1 milhões de toneladas. Já em Goiás, após algumas semanas de recuo, os preços do cereal voltaram a subir, ganhando entre dois a quatro reais por saco conforme a região do Estado. E no Mato Grosso do Sul igualmente o preço subiu, chegando a R$ 78,00/saco nesta semana. Mesmo assim, no conjunto do mês de outubro o preço do milho sul-matogrossense recuou 4,6%. Este preço ainda está 26% acima da média praticada um ano antes naquele Estado. Enfim, até o presente momento 73% da segunda safra de milho do Mato Grosso do Sul havia sido negociada.

Quanto ao mercado externo do milho no Brasil, nas quatro primeiras semanas de outubro o país exportou 1,4 milhão de toneladas do cereal. Todavia, o volume acumulado nestes 15 dias úteis de outubro representa apenas 27,9% do total exportado pelo Brasil em outubro do ano passado. Com isso, a média diária de embarques representa redução de 62,7% em relação a média diária de setembro de 2020. Já o preço obtido com a tonelada registrou elevação de 27,2% no período, saindo dos US$ 166,80 no ano passado para US$ 212,30 neste mês de outubro. Entre janeiro e setembro o Brasil exportou 12,8 milhões de toneladas, ou seja, 22% menos do que em igual período do ano anterior.

Pelo lado da importação, nos 15 primeiros dias úteis de outubro o país adquiriu 436.607 toneladas de milho, importando 128,8% mais do que todo o mês de outubro de 2020. Com isso, na comparação entre os dois anos, a média diária atual é 205,1% superior à média realizada em outubro do ano passado. O preço da tonelada importada aumentou 82,2% no período, passando de US$ 131,10 para US$ 238,80. Nos primeiros nove meses do ano o Brasil já importou 1,63 milhão de toneladas de milho, ou seja, 125% acima de igual período do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram bem nesta semana, com o fechamento desta quinta-feira (28) ficando em US$ 7,72/bushel, contra US$ 7,41 uma semana antes. Este nível de cotação não era visto desde o dia 07 de maio passado, considerando o primeiro mês cotado.

Dentre as principais informações deste mercado, tem-se que o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 24/10, atingia a 80% da área, ficando exatamente na média histórica. Do total semeado, 55% já estava nascido, enquanto as condições das lavouras indicavam 46% entre boas a excelentes, 34% regulares e 20% entre ruins a muito ruins.

Já os embarques semanais de trigo estadunidense foram de 140.413 toneladas na semana encerrada em 21/10, ficando abaixo das expectativas do mercado. No atual ano comercial os EUA já exportaram 9,48 milhões de toneladas, sendo 15% a menos do que em igual período do ano anterior.

Ao mesmo tempo, na Argentina, o Ministério Público Fiscal recomendou a suspensão da Resolução 41/2020, que autoriza a comercialização da semente IND-00412-7, o trigo transgênico desenvolvido pela empresa Bioceres e atualmente pendente de aprovação no Brasil, principal importador de trigo da Argentina. A recomendação destaca a ausência de estudos de impacto ambiental e de audiências públicas que validem a aprovação deste novo evento transgênico, com suas implicações diretas na saúde pública, no ambiente, na economia e nas relações internacionais. Caso a recomendação do Ministério Público seja efetiva, a solicitação em curso no Brasil, para aprovar a comercialização do trigo transgênico, seria também automaticamente suspensa. No caso do trigo transgênico, o gene inserido na semente torna-o resistente ao glufosinato de amônio, agrotóxico potencialmente mais tóxico e cancerígeno que o glifosato — outro elemento químico ligado a problemas de saúde. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), a ingestão diária de glifosato admissível para consumo humano é de 0,3 mg por quilo corporal. Para o glufosinato de amônio, a indicação é de 0,02 mg, sendo, portanto, um herbicida 15 vezes mais tóxico do que o já conhecido glifosato. (cf. Brasil de Fato)

E aqui no Brasil os preços do trigo subiram um pouco, com a média gaúcha no balcão chegando a R$ 83,40/saco, enquanto no Paraná os preços se mantiveram entre R$ 88,00 e R$ 91,00/saco. Um ano atrás o mercado gaúcho pagava R$ 76,50/saco. Isso significa que houve um aumento nominal no preço do cereal de 9% em 12 meses. Ainda assim, abaixo da inflação oficial e muito abaixo do aumento dos custos de produção. Considerando a inflação pelo IGP-M o preço do trigo, atualmente, para manter o poder de compra de um ano atrás, deveria estar em R$ 92,52/saco. Portanto, na prática, em termos reais o preço do trigo atualmente está quase 10 reais abaixo do que deveria estar. Com isso, se confirma igualmente no trigo a perda de rentabilidade neste ano. O que diminui o prejuízo é a possibilidade de uma safra melhor, em volume, neste ano. Todavia, muito trigo colhido apresenta baixa qualidade, como era esperado, fato que diminui consideravelmente o preço a ser recebido pelo produtor, aumentando o prejuízo real.

Em termos de colheita, o Rio Grande do Sul apresenta atraso, tendo ficado ao redor de 15% a 20% do total neste final de outubro, já que as chuvas têm atrapalhado o processo. No Paraná, todavia, a colheita gira ao redor de 80% da área. Também neste Estado a qualidade da safra deixa a desejar em diversas regiões. Não se descarta uma revisão para baixo no volume final do cereal a ser colhido pelo país, diante das quebras constatadas a partir do avanço da colheita.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br